

TRUDI CANAVAN

# O Tecedor de Sonhos

TRUDI CANAVAN  
O Tecedor de Sonhos

*A Idade dos Cinco: Livro Dois*

Tradução  
Catarina F. Almeida

*Para a minha avó, Ivy Dauncey, que adora contar histórias.*



JURAN



RIAN

MAIRAE



BORRA

MAR SEM

OCEANO  
AUSTRAL



SOMREY

MAR DE CHAIA

JARIME

HANIA

CHON

DUNWAY

GOLFO DE LORE

SENNON

KARIENNE

PORTO

MUR

HANNAYA

GLYMMA

ITHANIA

DO SUL

AVVEN

KAVE

DEKKAR

DYARA

AURAYA

## → Prólogo ←

Reivan detectou a mudança antes de todos os outros. Primeiro, foi instintivo, sentiu-o antes de saber; depois, reparou no odor mais denso do ar e na sua textura arenosa. Observando as paredes grosseiras do túnel, viu depósitos de uma substância que se confundia com o pó. Esta revestia um lado de cada saliência e ranhura, como se tivesse sido soprada por uma rajada de vento vinda da escuridão, mais adiante.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo ao pensar no significado destes sinais, mas não disse nada. Podia estar enganada, e ninguém recuperara ainda do choque da derrota. Todos se esforçavam por aceitar a morte de amigos, familiares, camaradas, corpos deixados pelo caminho, sepultados no solo fértil do inimigo. Não precisavam de mais um motivo de preocupação.

Mesmo se não estivessem a regressar a casa em debandada, no mais profundo desânimo, Reivan não teria falado. Os homens do seu grupo ofendiam-se com facilidade. Assim como ela, cultivavam o secreto ressentimento de não terem nascido com Talento suficiente para se tornarem Servos dos Deuses. Por isso, agarravam-se aos únicos argumentos de autoridade que possuíam. Eram Pensadores. Distintos dos meros eruditos pelo dom do cálculo, da invenção, da filosofia, da razão. Isto tornava-os ferozmente competitivos. Muito tempo antes, tinham criado uma hierarquia interna. Os mais velhos precediam os mais novos. Os homens tinham mais crédito do que as mulheres.

Era absurdo, claro. Reivan observara que a mente possuía uma tendência para ficar mais lenta e inflexível com a idade, à semelhança do corpo que habitava. E só porque havia mais homens do que mulheres no seio dos Pensadores, isso não significava que os homens fossem mais inteligentes.

Ela deleitava-se a provar o contrário... mas aquele não era o momento certo para o fazer.

*E posso estar enganada.*

O cheiro do pó acentuara-se.

*Deuses, espero estar enganada.*

De súbito, lembrou-se que as Vozes possuíam o poder de ler a mente. Olhando por cima do ombro, sentiu um momento de desorientação. Esperara ver Kuar. Em vez disso, uma mulher alta e elegante caminhava atrás dos Pensadores. Imenja, Segunda Voz dos Deuses. Reivan sentiu um assomo de tristeza ao recordar o motivo por que era agora aquela mulher a liderar o exército.

Kuar estava morto, assassinado pelos bárbaros Adoradores do Círculo.

Imenja olhou para ela e acenou-lhe. O coração de Reivan falhou uma pulsação. Nunca tinha falado com uma das Vozes, embora fizesse parte da equipa de Pensadores que mapeara o caminho através das montanhas. Grauer, o chefe da equipa, chamara a si a tarefa de informar as Vozes.

Deteve-se. Um olhar de relance para os homens que se encontravam à sua frente indicou-lhe que eles não tinham reparado no chamamento, ou que ela estava a ficar para trás. Grauer, concentrado nos mapas, não reparara certamente. Quando Imenja a alcançou, Reivan recomeçou a andar, permanecendo um passo atrás da Voz.

– Como posso servir-vos, Sagrada?

Imenja franzira o sobrolho, embora o seu olhar não se desviasse dos Pensadores.

– Que receias? – perguntou-lhe, em voz baixa.

Reivan mordeu o lábio.

– O mais certo é tratar-se da loucura do subsolo, a escuridão turvando-me a mente – apressou-se a dizer. – Mas... o ar nunca esteve tão poeirento na nossa viagem anterior. Nem havia tanto pó a cobrir as paredes. O padrão da substância sugere um rápido movimento de ar, algures mais adiante. Ocorrem-me algumas explicações possíveis...

– Receias que tenha havido um desabamento – declarou Imenja.

Reivan aquiesceu.

– Receio, sim. E ainda outra instabilidade.

– Natural ou não natural?

A pergunta de Imenja, e o que lhe era subjacente, fez com que Reivan parasse, num estado de choque e temor.

– Não sei. Quem faria semelhante coisa? E porquê?

Imenja endureceu.

– Já recebi relatórios de que os Sennons estão a causar problemas ao nosso povo, agora que lhes chegou a notícia da nossa derrota. Também podem ser os habitantes locais, em busca de vingança.

Reivan desviou o olhar. *Vorns* volveram-lhe ao pensamento, mandíbulas a escorrer sangue após uma derradeira partida de «caça», na noite anterior à entrada nas minas. A boa vontade dos aldeões não fora uma prioridade para o exército – não quando a vitória era tão certa.

*Além disso, não estava previsto regressarmos por este caminho. Devíamos ter escorraçado os pagãos até às fronteiras da Ithania do Norte e reclamá-la para os deuses, regressando a casa pelo desfiladeiro.*

Imenja suspirou.

– Volta para junto da tua equipa, mas não digas nada. Lidaremos com os obstáculos à medida que se atravessarem no nosso caminho.

Reivan obedeceu, regressando ao seu lugar na retaguarda dos Pensadores. Ciente de que Imenja lhe podia ler o pensamento, manteve-se alerta para outros sinais de distúrbio. Não tardou a encontrá-los.

Era divertido observar os seus companheiros Pensadores a descobrir devagar o significado desse crescente monte de entulho que obstruía a passagem. A primeira barreira com que se depararam era uma pequena parcela de tecto que desabara. Não tinha entupido a passagem, e bastava escalar os escombros para seguir caminho.

Depois, estes obstáculos tornaram-se mais frequentes e difíceis de transpor. Imenja usou magia para afastar, com cuidado, um pedregulho, ou deslocar um pequeno monte de terra. Ninguém sugeriu uma explicação para aqueles distúrbios. Todos se fecharam num silêncio prudente.

A passagem desembocou numa das amplas cavernas naturais tão comuns no interior das minas. Reivan fitou o vazio. Onde só devia haver escuridão, apareciam ténues silhuetas mal iluminadas pelos archotes dos Pensadores.

Imenja deu um passo em frente. Ao entrar na caverna, a sua luz mágica elevou-se em altura e tornou-se mais viva, dando a ver uma parede de rocha. Os Pensadores olharam-na, estupefactos, em aflição. Também ali o tecto se abatera, mas desta vez não havia passagem por cima ou pelos lados da barreira. Os escombros entupiam a caverna.

Reivan contemplou a pilha de rochas. Alguns pedregulhos eram gigantes. Ser apanhado na queda de uma massa daquelas... duvidava que houvesse tempo para compreender o que acontecera. Fractura. Jorro.

*Preferível a uma facada no ventre e à morte lenta e agonizante que daí advém, pensou. Embora não consiga deixar de sentir que uma morte súbita é, de certa forma, uma traição. A morte é uma experiência em vida. Só temos uma morte. Eu gostaria de estar consciente no momento da minha morte, mesmo que isso significasse sofrer a dor e o medo.*

Um ruído feito por Grauer chamou-lhe a atenção.

– Isto não devia ter acontecido – exclamou ele, a voz ressoando na caverna de súbito mais pequena. – Verificámos tudo. Esta caverna era estável.

– Baixa a voz – disparou Imenja.

Grauer sobressaltou-se e cravou os olhos no chão.

– Perdoai-me, Sagrada.

– Encontra-nos uma saída alternativa.

– Sim, Sagrada.

Com alguns olhares rápidos aos Pensadores que ele favorecia, Grauer reuniu um pequeno círculo de homens à sua volta. O grupo murmurou durante um breve momento e dispersou-se em seguida, abrindo caminho ao chefe para avançar com confiança.

– Dai-me licença que vos guie, Sagrada – disse, humilde.

Imenja fez sinal aos outros Pensadores, indicando que deveriam segui-lo. A passagem ficou apinhada quando o exército deu meia volta, dobrando-se sobre si mesmo. A atmosfera ganhou um travo perceptível a bafio, apesar dos esforços dos Servos para sugar ar fresco através de furos e fissuras na montanha cimeira. Servos, soldados e escravos guardaram, todos eles, um silêncio temeroso.

Era difícil calcular, por baixo da terra, a passagem do tempo. Os meses que Reivan ali passara, ajudando os outros Pensadores a mapear as minas, os sistemas de cavidades naturais e os trilhos de montanha tinham-lhe dado a habilidade de adivinhar o tempo. Já passara quase uma hora quando Grauer alcançou o túnel secundário que pretendia. Na ânsia de provar que estava certo, precipitou-se no novo caminho.

– Por aqui – disse, o olhar desviando-se do mapa para o espaço em redor uma e outra vez. – Aqui por baixo. – Os Pensadores apressaram-se a segui-lo quando o viram virar numa curva. – Depois, uma boa caminhada...

Fez-se silêncio. Em seguida, o eco de um grito perdeu-se depressa na distância. Os Pensadores acorreram à curva e pararam, bloqueando a passagem. Reivan espreitou por entre dois ombros e viu um buraco escarpado no chão.

– O que aconteceu?

Os Pensadores recuaram para dar passagem a Imenja.

– Cuidado, Sagrada – disse um deles, numa voz tímida.

A expressão de Imenja suavizou-se um pouco e ela fez-lhe um pequeno sinal de reconhecimento, antes de avançar devagar para a frente.

*Ela já deve saber o que aconteceu a Grauer, concluiu Reivan. Teria lido os seus pensamentos enquanto ele caía.*

Imenja acocorou-se e tocou na boca do buraco. Partiu um pedaço do rebordo e, depois, levantou-se.

– Argila – declarou, estendendo-a aos Pensadores. – Moldada por mãos humanas e reforçada por palha. Temos um sabotador. Um criador de armadilhas.

– Os Brancos quebraram o acordo! – silvou um dos Pensadores. – Não tencionam deixar-nos ir para casa.

– Isto é uma armadilha – exclamou outro. – Mentiram a respeito das armadilhas no desfiladeiro, para que seguíssemos este caminho! Se nos matarem aqui, ninguém saberá que fomos traídos!

– Duvido que isto seja obra deles – replicou Imenja, o seu olhar movendo-se para lá das paredes de rocha que os cercavam. Franzindo o sobrolho, abanou a cabeça. – A argila está seca. Quem quer que tenha feito isto, já partiu há dias. Não ouço nada a não ser os pensamentos distantes de pastores de *gowts*. Escolham um novo chefe. Prossequiremos, com prudência.

Os Pensadores hesitaram e trocaram olhares incertos. Imenja olhou de rosto em rosto, a expressão volvendo em fúria.

– Por que não fizeram cópias?

*Os mapas.* Reivan desviou o olhar, combatendo uma frustração crescente. *Caíram com Grauer. Tão típico dele não confiar cópias a outros.*

*Que faremos agora?* Sentiu uma breve apreensão, mas rapidamente se dissipou. A maior parte dos túneis amplos das minas conduziam à entrada principal. A intenção dos mineiros, na origem, não fora, afinal, criar um labirinto. Os túneis mais estreitos, que tinham seguido veios de minerais, e os sistemas de cavidades naturais, eram menos previsíveis, mas, desde que o exército se afastasse deles, acabaria por encontrar a saída.

Um dos membros da equipa deu um passo em frente.

– Devemos ser capazes de descobrir o caminho de memória; todos passámos um tempo considerável neste lugar, no ano passado.

Imenja aquiesceu.

– Então, concentrem-se em recordar. Chamarei alguns Servos para a frente, para procurarem armadilhas.

Embora todos os Pensadores tivessem aquiessido com cortesia, Reivan detectou sinais de indignação na sua postura. Não eram estúpidos ou orgulhosos a ponto de recusar a ajuda de feiticeiros, e ela supunha que também tivessem percebido que os Servos partilhariam as culpas, se algo pior acontecesse. Ainda assim, os dois Servos que se destacaram da multidão foram ignorados.

Hitte voluntariou-se para liderar e nenhum dos outros o contestou. O buraco foi inspeccionado e descobriu-se que se tratava de uma fenda larga no chão, tecto e paredes, mas estreita o suficiente para se saltar por cima. Uma liteira foi trazida para a frente para servir de ponte, a carga presa às costas de escravos já sobrecarregados. Os Pensadores atravessaram, e o exército avançou em seguida.

Reivan supunha que não fosse a única a sentir-se frustrada com aquele lento progresso. Estavam tão perto do fim da viagem através das montanhas. As minas do lado de Hania eram mais pequenas e tinham-nos conduzido a um vale, de outro modo inacessível, frequentado por pastores de *gowts*. Uma viagem mais comprida ao longo de amplas cavernas naturais permitira-lhes evitar a necessidade de escalar uma íngreme cumeeira.

Dali, tinham viajado um dia inteiro por exíguos trilhos de montanha. A caminho da batalha, haviam percorrido aquele troço ao abrigo da noite, para que os espões alados dos inimigos não os descobrissem.

Agora, bastava-lhes encontrar o caminho através das minas no lado de Sennon da cordilheira e...

*O quê? Acabaram-se os problemas?*, Reivan suspirou. *Quem sabe o que nos aguarda em Sennon. Irá o imperador enviar um exército para nos liquidar de vez? Precisar-se-á de fazê-lo? Sobram-nos poucas provisões, e ainda temos de atravessar o deserto de Sennon.*

Nunca se sentira tão longe de casa.

Por momentos, perdeu-se em memórias antigas: ajudar os irmãos a construir coisas, na oficina metalúrgica do pai. Saltando o breve período de mágoa e traição após ser oferecida ao Servos, recordou o júbilo com que aprendera a ler e a escrever e como tinha lido todos os livros da biblioteca do mosteiro antes de fazer dez anos. Consertara de tudo, desde canalizações a vestidos, inventara uma máquina para raspar couro e uma receita de conserva de *drimma* que dera mais dinheiro àquele Santuário do que o conjunto da produção de todos os outros mosteiros juntos.

O pé de Reivan prendeu-se algures e ela quase perdeu o equilíbrio. Ao olhar para cima, reparou, surpreendida, que, mais à frente, o piso era

irregular. Hitte levava-os para os túneis naturais. Ela olhou para o novo chefe dos Pensadores, registrando a confiança prudente que emanava dos seus movimentos.

*Espero que ele saiba o que está a fazer. Parece saber. Ou valha-nos o poder das Vozes para ler a mente.*

Lembrou-se de Imenja e sentiu um acesso de culpa. Em vez de permanecer alerta e útil, deixara-se levar pelo devaneio. Dali em diante, tomaria atenção.

Ao contrário dos túneis situados mais acima, nas montanhas, que eram direitos e largos, estes eram estreitos e sinuosos. Não só viravam para a esquerda e para a direita como ondulavam para cima e para baixo, muitas vezes de forma vincada. O ar tornava-se, a cada instante, mais húmido e pesado. Por várias vezes, Imenja ordenou uma paragem, para que os Servos tivessem tempo de puxar ar fresco até àquelas profundezas.

Então, abruptamente, as paredes do túnel alargaram-se e a luz de Imenja iluminou uma enorme caverna.

Reivan susteve a respiração. Por toda a parte ali à volta, erguiam-se impressionantes colunas de cores translúcidas, algumas finas como dedos, outras mais amplas do que as árvores centenárias de Dekkar. Havia-as unidas, formando cortinas, ou partidas, os seus cotos cobrindo-se de formações que lembravam cogumelos. Tudo cintilava com a humidade.

Olhando por cima do ombro, Reivan viu que Imenja sorria. A Segunda Voz ultrapassou os Pensadores e entrou na caverna, olhando para cima, para as formações.

– Faremos aqui uma pausa – anunciou. O seu sorriso desfez-se e Imenja lançou um olhar contundente aos Pensadores, antes de dar meia volta e conduzir o exército para o interior daquele espaço imenso.

Reivan observou Hitte e o motivo para o olhar eloquente de Imenja tornou-se óbvio. Ele tinha a testa enrugada de preocupação. Enquanto o observava, os Pensadores afastaram-se da fila de gente que entrava na caverna e começaram a conversar em sussurro.

Reivan aproximou-se e conseguiu apanhar palavras suficientes para confirmar as suas suspeitas. Hitte não sabia onde estava. Pensara evitar eventuais armadilhas entrando nos túneis naturais, onde a interferência de um sabotador seria mais visível, mas os túneis não se tinham voltado a unir aos caminhos feitos pelo Homem, como ele esperava. Hitte temia que estivessem, agora, perdidos.

Reivan suspirou e afastou-se. Se ouvisse mais alguma coisa, ainda podia dizer algo de que se arrependeria mais tarde. Percorrendo um caminho

sinuoso entre as formações, descobriu que a caverna era ainda mais ampla do que parecera ao início. Os sons do exército a reunir-se enfraqueceram à distância enquanto ela serpenteava por entre colunas, escalando o piso desnivelado e vadeando as poças de água. A luz de Imenja mergulhava o espaço num xadrez de claridade e sombra escura. A certa altura, o chão alargava-se e as poças formavam socalcos curvos. Reivan registou aberturas que podiam ser túneis.

Enquanto examinava uma destas aberturas, um som grave, sem palavras, surgiu algures atrás dela. Gelando, olhou em redor, sem saber se alguém a seguira. A voz alteou-se e ganhou urgência, convertendo-se num gemido zangado. Seria o criador de armadilhas? Um habitante local, em busca de vingança – incapaz de atacar um exército, mas sem receio de aplicar a justiça a um indivíduo isolado? Deu por si a arquejar de medo, desejando desesperadamente não se ter separado do exército ou que o seu domínio da magia não fosse tão medíocre que mal conseguia acender uma ínfima, ridícula faísca.

Se, todavia, alguém a tivesse seguido com más intenções, não anunciaria a sua presença gemendo em voz alta. Obrigou-se a respirar mais devagar. Se não era uma voz, o que seria?

Quando a resposta lhe acudiu ao pensamento, Reivan riu-se em voz alta da sua própria tolice.

*O vento. Vibra por estes túneis como o sopro por uma flauta.*

Agora que estava a tomar atenção, detectou uma agitação no ar. Inclinou-se para molhar as mãos numa poça de água e virou-se na direcção do som, estendendo as mãos à sua frente. Uma brisa gelou-lhe a pele molhada, conduzindo-a a uma abertura ampla, num dos lados da caverna, onde se convertia numa forte corrente de ar.

Sorrindo de si para si, virou-se e fitou o exército.

Com alguma surpresa, reparou que se afastara para longe. Ao chegar junto do exército, as cinco secções já tinham entrado na gruta e apinhavam-se agora em torno das formações. Havia, porém, algo de errado. Em vez da admiração e assombro que seria de prever, os rostos dos seus compatriotas pareciam contraídos de medo. Para um tão grande ajuntamento de pessoas, estavam demasiado silenciosos.

Teriam os Pensadores deixado escapar a verdade a respeito da situação em que se encontravam? Ou teriam as Vozes resolvido dizer ao exército que estavam perdidos? Ao aproximar-se, Reivan viu as quatro Vozes de pé sobre uma elevação. Pareciam tão serenos e confiantes como era

seu hábito. Imenja olhou para baixo e os seus olhos cruzaram-se com os de Reivan.

Nesse momento, o gemido regressou. Era mais tímido ali, mais difícil de reconhecer como vento. Reivan ouviu arquejos e preces murmuradas pelo exército e percebeu o que tanto amedrontara os homens e as mulheres. Ao mesmo tempo, viu a boca de Imenja contrair-se de riso.

– É o Aggen! O monstro! – exclamou alguém.

Reivan cobriu a boca para conter uma gargalhada e reparou que os outros Pensadores estavam a sorrir. O resto do exército parecia, contudo, dar cobertura àquela ideia. Homens e mulheres amontoavam-se, alguns gritando de medo.

– Vamos ser comidos!

– Penetrámos no seu covil!

Reivan suspirou. Toda a gente conhecia a lenda do Aggen, uma fera gigante que habitava, em teoria, os subterrâneos daquelas montanhas e comia quem quer que fosse louco o suficiente para entrar nas minas. Existiam mesmo desenhos esculpidos do monstro nas paredes das velhas minas, com pequenos nichos de oferendas por baixo – como se algo tão imenso pudesse ficar satisfeito com uma oferenda que coubesse num espaço tão exíguo.

Ou fosse mesmo capaz de sobreviver. Nenhuma criatura tão grande como esse Aggen conseguiria viver do esporádico explorador incauto. Se conseguisse, teria de ser muito mais pequeno do que pretendiam as lendas.

– Povo dos Deuses. – A voz de Imenja ressoou naquela câmara, e as suas palavras ecoaram à distância, como se perseguissem o gemido. – Não há motivos para receio. Não sinto neste lugar a presença de outras mentes para além das nossas. Este ruído é apenas o vento, que corre por estas grutas como o sopro por uma flauta, ainda que menos melodioso – acrescentou, com um sorriso. – Não existe aqui nenhum monstro, a não ser a nossa própria imaginação. Pensem, ao invés, no ar fresco que este vento nos traz. Descansem e deliciem-se com a maravilha que vos rodeia.

O exército sossegara. Agora, Reivan ouvia soldados a imitar o ruído, ou a fazer troça daqueles que tinham gritado os seus temores. Um Servo aproximou-se de Reivan.

– Pensadora Reivan? A Segunda Voz deseja falar-te – disse o homem.

Reivan sentiu um aperto no peito e apressou-se a seguir o indivíduo. As outras Vozes olharam-na com interesse quando ela chegou à elevação.

– Pensadora Reivan – disse Imenja –, descobriste uma saída?

– Talvez. Encontrei um túnel por onde corre o vento. Este vento pode vir do exterior, mas só saberemos se o túnel é transitável quando o explorarmos.

– Então, explora-o – ordenou Imenja. – Leva dois Servos contigo. Iluminar-te-ão o caminho e podem comunicar comigo, se o túnel se revelar útil.

– Assim farei, Sagrada – replicou. Desenhando o símbolo dos Deuses sobre o peito, afastou-se. Dois Servos, um homem e uma mulher, avançaram ao seu encontro. Ela acenou-lhes educada, antes de conduzi-los ao local.

Voltando a encontrar o túnel com facilidade, Reivan entrou. O piso era irregular e, em certos pontos, tiveram de escalar íngremes relevos. O gemido ganhou força até a vibração do som lhes atravessar o corpo. Embora o vento fosse gelado, os dois Servos cheiravam a suor, mas calaram os seus medos. As luzes mágicas que produziam talvez fossem um pouco claras de mais, mas ela não se queixou.

Quando o som atingiu um ponto ensurdecedor, Reivan viu, desanimada, o túnel estreitar-se mais adiante. Esperou que o vento diminuísse e começou a percorrer, de lado, a passagem apertada. Os Servos pararam, hesitantes.

A abertura reduziu-se até as paredes de rocha pressionarem o peito e as costas de Reivan. Mais à frente, uma curva conduzia à escuridão.

– Podem trazer a luz mais para dentro? – gritou.

– *Terás de guiar-me* – veio a resposta.

A pequena centelha de luz flutuou para lá da cabeça de Reivan e parou.

– *Para onde agora?*

– Um pouco para a direita – gritou ela, de volta.

– *Tens a certeza de que queres fazer isto?* – gritou o outro Servo. – *E se ficares presa?*

– Desprendo-me – retorquiu ela, esperando ter razão. *Não penses nisso.*

– Para a frente e um pouco mais para a direita. É isso... agora, esquerda. Não tão depressa.

Com a luz mais próxima do fim da curva, viu que o túnel voltava a dilatar-se. Talvez se estreitasse mais adiante, mas só saberia quando lá chegasse. Empurrou, sentiu a pressão atenuar-se, arrastou-se à volta da curva ...

... e suspirou de alívio ao ver que o túnel continuava a expandir-se mais à frente. Alguns passos, e conseguiria esticar os braços sem tocar em nenhum dos lados. Agora, o túnel virava à direita. O espaço que a rodeava

já não estava iluminado pela luz mágica dos Servos, que continuava entalada na passagem estreita atrás dela, mas por uma luz ténue, vinda do outro lado da curva. Reivan apressou o passo, quase tropeçando no chão desnivelado. Ao virar a curva, arquejou de alívio. As paredes do túnel terminavam numa mancha de cinzento e verde.

Rochas e árvores. Lá fora.

Com um sorriso nos lábios, regressou ao lugar onde o túnel se estreitava e contou aos Servos o que tinha descoberto.



Reivan observou o exército a derramar-se pela saída do túnel. Todos os homens e mulheres que apareciam no exterior paravam para olhar em redor, com o alívio escrito no rosto, seguindo depois o trilho estreito que conduzia ao cume da ravina. Eram tantos os que passavam que ela lhes perdera a conta.

Os Servos tinham alargado o túnel com magia. A Floresta Branca, como lhe chamara Imenja, nunca mais seria assombrada por ventos gementes. Era pena, mas poucos no exército teriam conseguido torcer o corpo ao longo da estreita abertura, como Reivan fizera.

Um grupo de escravos começou a sair. Pareciam tão felizes por se verem livres das minas como todos os outros. No fim daquela viagem, seriam libertados e presenteados com trabalho remunerado. Servir na guerra reduzira-lhes a sentença. Apesar disso, duvidava que algum deles se vangloriasse da sua intervenção naquela tentativa falhada de derrotar os Adoradores do Círculo.

*A derrota deve ser um pensamento distante de todas as mentes, neste momento, cogitou. Estão apenas felizes por ver a luz do Sol. Em breve, a única preocupação que terão é a de atravessar o deserto.*

– Pensadora Reivan – disse uma voz familiar, ali perto.

Em sobressalto, Reivan virou-se e deparou-se com Imenja.

– Perdoai-me, Sagrada. Não vos ouvi aproximar-vos.

Imenja sorriu.

– Nesse caso, sou eu quem deve pedir desculpa por te ter apanhado de surpresa. – Olhou para os escravos, mas era distante o seu olhar. – Enviei o resto dos Pensadores adiante, à procura de um caminho por onde descer para o deserto.

– Devê-los-ia ter acompanhado?

– Não, quero falar contigo.

Imenja deteve-se quando o caixão que levava o corpo de Kuar emergiu do interior do túnel. Viu-o passar e, depois, suspirou profundamente.

– Não acredito que o Talento seja um requisito incontornável para todos os Servos dos Deuses. Para a maior parte, talvez, mas devíamos reconhecer que alguns homens e algumas mulheres têm outros talentos para nos oferecer.

Reivan susteve a respiração. Imenja não estaria decerto a preparar-se para...

– Escolherias ser uma Serva dos Deuses, se te fosse oferecida essa possibilidade?

Uma Serva dos Deuses? Aquilo com que sonhara a vida inteira?

Imenja virou-se para olhar para Reivan, que se esforçava por recuperar a voz.

– Eu... Seria uma honra, Sagrada – respondeu, ofegante.

Imenja sorriu.

– Então, assim será, no nosso regresso.

# Parte I

## → Capítulo 1 ←

**U** homem parado ao pé da janela parecia exalar medo de todos os poros. A alguns passos das vidraças, hesitou, desafiando-se a ultrapassar o seu terror das alturas e a aproximar-se, para olhar pela janela da Torre para o chão distante, lá em baixo.

Danjin fazia isto todos os dias. Auraya não gostava de interrompê-lo. Enfrentar aquele medo exigia uma grande coragem. O único senão era que ser capaz de ler a mente dele significava que Auraya sentia a mesma ansiedade e distraía-se do que quer que fosse em que estava a tentar concentrar-se – naquele momento, a longa e entediante missiva de um comerciante pedindo aos Brancos para promulgarem uma lei que o tornaria o único homem capaz de comerciar com os *Siyee* legitimamente.

Desviando-se da janela, Danjin viu-a a olhar para ele e franziu o sobrolho.  
– Não, não te escapou nada que eu tivesse dito – respondeu ela.

Ele sorriu, aliviado. Para Auraya, ler a mente transformara-se num hábito. Os pensamentos dos outros eram tão fáceis de detectar que ela tinha de concentrar-se para não os ouvir. Em resultado, o curso normal do diálogo frustrava-a com a sua lentidão. Sabia o que o interlocutor ia dizer antes que ele ou ela o dissesse, e tinha de conter a resposta até as palavras serem ditas. Responder a uma pergunta antes de a pessoa que a fazia ter oportunidade de verbalizá-la era rude. Auraya sentia-se uma actriz, antecipando e entregando deixas.

Com Danjin, todavia, podia relaxar. O seu conselheiro aceitava a leitura da mente como parte do que ela era, e não se ofendia quando Auraya reagia aos seus pensamentos como se ele os tivesse dito em voz alta. Por isso, estava-lhe grata.

Danjin dirigiu-se a uma cadeira e sentou-se. Olhou para a carta que ela tinha nas mãos.

– Já acabou de ler? – perguntou-lhe.

– Não. – Auraya olhou para baixo e obrigou-se a continuar a leitura. Quando terminou, voltou a olhar para cima, para Danjin. O olhar dele parecia distante, e ela sorriu ao detectar o rumo que os seus pensamentos tinham tomado.

*Não posso acreditar que já tenha passado um ano, meditava. Um ano desde que me tornei Conselheiro dos Brancos.* Ao reparar que Auraya o observava, os seus olhos cintilaram.

– Como pretende celebrar o fim do seu primeiro ano no seio dos Brancos, amanhã? – perguntou ele.

– Suponho que iremos jantar juntos – respondeu ela. – E reunir-nos-emos no Altar também.

Danjin arqueou as sobrancelhas.

– Talvez os deuses a congratulem pessoalmente.

Ela encolheu os ombros.

– Talvez. Ou talvez sejamos apenas nós, os Brancos. – Auraya recostou-se nas costas da cadeira. – Juran há-de querer rever os acontecimentos que marcaram este ano.

– Então, vai ter muito que rever.

– Sim – concordou ela. – Espero que nem todos os anos da minha vida como um dos Brancos sejam tão cheios de aventuras. Primeiro, a aliança com Somrey, depois, viver em Si, por fim, a guerra. Não me importaria de visitar outras terras, ou de regressar a Somrey e a Si, mas preferia nunca mais ter de ir para a guerra.

Danjin concordou com um aceno.

– Gostaria de poder dizer com convicção que isso seria improvável no meu tempo de vida. *Mas não posso* – rematou ele, em silêncio.

Ela aquiesceu.

– Também eu. *Resta-nos confiar que os deuses tenham tido uma boa razão para nos ordenar que poupássemos a vida aos feiticeiros Pentadrian. Com a morte do feiticeiro mais poderoso, os Pentadrians são mais fracos do que as forças dos Adoradores do Círculo – por agora. Basta-lhes descobrir alguém que o substitua e voltarão a ser uma ameaça para a Ithania do Norte.*

Noutros tempos, Auraya não se teria preocupado. Feiticeiros tão poderosos como os chefes dos *Pentadrians* não nasciam a toda a hora – talvez uma vez de cem em cem anos. Que cinco tivessem ascendido ao poder na

Ithania do Sul no seio da mesma geração era extraordinário. Os Brancos não podiam arriscar-se a esperar que passassem mais cem anos até os *Pentadrians* encontrarem um feiticeiro com poder suficiente para substituir Kuar.

*Devíamos ter morto os quatro que sobreviveram, pensou. Mas a batalha tinha terminado. Teria parecido um assassinio. Devo confessar que prefiro que nós, Brancos, sejamos conhecidos pela nossa compaixão do que pela falta de misericórdia. Talvez seja esse, também, o intuito dos deuses.*

Olhou para baixo, para o anel que usava na mão. Através dele, os deuses potenciavam a sua força mágica natural e concediam-lhe Dons que poucos feiticeiros alguma vez tinham possuído. Era um círculo liso e branco – nada de extraordinário – e a sua mão tinha o mesmo aspecto do que no ano anterior. Muitos anos passariam até se tornar visível que Auraya não envelhecera um único dia desde que pusera aquele anel.

Os seus companheiros Brancos já tinham vivido muito mais tempo. Juran fora o primeiro a ser escolhido, mais de cem anos antes. Vira a idade e a morte colherem todos os que tinha conhecido antes da sua Escolha. Ela não conseguia imaginar como seria.

Seguira-se Dyara e, depois, Mairae e Rian, escolhidos com intervalos de vinte e cinco anos. Mesmo Rian já devia ser imortal há tempo suficiente para as pessoas que se lembravam dele antes da Escolha repararem que não envelhecera um dia desde então.

– Ouvi rumores de que o imperador de Sennon quebrou a aliança que assinara com os *Pentadrians* horas depois da derrota – disse Danjin. – Sabe se é verdade?

Auraya levantou os olhos para ele e riu-se entredentes.

– Então, o rumor espalhou-se. Ainda não temos a certeza se é verdade. Como o imperador expulsou todos os nossos sacerdotes e sacerdotisas de Sennon depois de assinar a aliança, nenhum estava lá para testemunhar a sua dissolução.

– Ao que parece, estava uma Tecedora de Sonhos – disse Danjin. – Tem falado recentemente com a Tecedora de Sonhos Conselheira Raeli?

– Não desde que regressámos.

Desde a guerra, Auraya sentia que lhe tocavam numa ferida aberta sempre que alguém mencionava os Tecedores de Sonhos. Lembrá-los fazia-a pensar em Leiard.

Desviou o olhar, invadida por uma torrente de memórias. Algumas eram do homem de cabelos e barbas brancas que vivera na floresta perto

da sua aldeia natal – o homem que tantas coisas lhe ensinara a respeito de curas, do mundo, da magia. Outras eram mais recentes, memórias do homem que ela fizera seu conselheiro em assuntos relacionados com os Tecedores de Sonhos, desafiando o preconceito generalizado dos Adoradores do Círculo contra os seguidores daquele culto. A mente picou-a, então, com imagens de momentos mais íntimos: a noite na véspera de partir para Si, em que se tinham tornado amantes, a partilha de sonhos através da qual tinham comunicado os seus desejos, os encontros secretos na tenda dele, enquanto viajavam separados para o campo de batalha: ela para lutar, ele para curar os feridos.

Por fim, sentiu um arrepio quando a memória do bordel lhe acudiu ao pensamento. Ali, encontrara Leiard, depois de Juran ter descoberto a relação entre ambos e ordenado que ele se fosse embora. Via-o, ainda, com o seu olho mental, fitando-o de cima, as tendas banhadas pela luz fria da manhã.

O pensamento que ouvira na mente dele ressoava ainda na sua: *Não é que eu não considere Auraya atraente, inteligente ou agradável. Apenas, não vale a maçada.*

Em certa medida, Leiard tivera razão. O caso provocaria escândalo e conflito se se tornasse público. Era egoísta perseguirem o prazer pessoal quando o povo poderia vir a sofrer, se fossem descobertos.

Sabê-lo não suavizara o choque de não encontrar, nesse dia, nenhum amor ou arrependimento na mente dele. O amor que tantas vezes sentira em Leiard, e pelo qual arriscara tanto, tinha morrido, assassinado pelo medo com uma desconcertante facilidade. *Eu devia agradecer a Juran, disse a si mesma. Se um simples susto acabara com o amor de Leiard, então algo ou alguém tê-lo-ia morto, mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira. Aquele que amar um dos Brancos tem de ser mais resiliente do que isso. Saberei como evitar essas fragilidades num homem, da próxima vez, e quanto mais cedo esquecer Leiard, mais depressa encontrarei um... um...*

O quê? Auraya abanou a cabeça. Era cedo para se pôr a pensar em novos amantes. Se voltasse a apaixonar-se, conduzi-la-ia o amor a actos ainda mais irresponsáveis e indignos? Não, era melhor ocupar a cabeça com trabalho.

Danjin observava-a paciente, e as suas suspeitas a respeito do que ela estava a pensar eram demasiado certas. Auraya endireitou-se e olhou-o nos olhos.

– E tu, Danjin, falaste com Raeli? – perguntou-lhe.

Danjin encolheu os ombros.

– Uma ou duas vezes, de passagem, mas não falámos deste assunto. Gostaria que eu a interrogasse a respeito disto?

– Sim, mas só depois do encontro de amanhã, no Altar. Iremos decerto falar de Sennon, e é possível que os outros Brancos já saibam o que aconteceu. – Olhou para a carta do comerciante. – Vou sugerir que se enviem sacerdotes e sacerdotisas para Si.

Danjin não parecia surpreendido.

– Como defesa suplementar?

– Sim. Os *Siyee* sofreram perdas terríveis durante a guerra. Mesmo com os seus novos arneses de caça, não seriam capazes de expulsar um invasor. Devíamos, pelo menos, certificar-nos de que possuem meios de comunicar connosco rápido, se precisarem da nossa ajuda.

Pensar nos *Siyee* provocou-lhe um outro tipo de mágoa e nostalgia. Os meses que passara em Si tinham sido demasiado curtos. Queria ter uma razão para poder voltar. Perante o modo de vida simples e honesto dos *Siyee*, as exigências e preocupações do seu povo pareciam-lhe ridículas ou desnecessariamente mesquinhas e egoístas.

O lugar dela, todavia, era ali. Os deuses podiam ter-lhe concedido o Dom de voar, para poder viajar sobre as montanhas e persuadir os *Siyee* a tornarem-se aliados dos Brancos, mas isso não significava que ela devia favorecer um povo acima dos outros.

*Porém, também não devo abandonar os Siyee. Conduzi-os à guerra e à morte. Tenho de assegurar-me de que não sofrem ainda mais perdas por causa da aliança que selarem connosco.*

– A maior parte da terra dos *Siyee* é quase intransitável para os Caminhantes – assinalou Danjin. – Isso atrasa os invasores, dando-lhes tempo para pedirem ajuda.

Auraya sorriu ao ouvi-lo usar a palavra *Siyee*, que designava os humanos comuns.

– Não te esqueças da feiticeira que entrou em Si o ano passado e das aves selvagens que a acompanhavam. Mesmo um punhado de feiticeiros menores poderia provocar grandes estragos, se entrasse no país sem ninguém dar por isso.

– Mesmo assim, se os *Pentadrans* quisessem voltar a atacar-nos, duvido que se preocupassem com Si.

– Si é o nosso aliado mais próximo do continente sul. Não possui sacerdotes ou sacerdotisas, e os poucos *Siyee* que são Dotados têm pouco treino. É o nosso mais frágil aliado.

Danjin ficou pensativo, depois, concordou com um aceno.

– Não é que Jarime não possa dispensar alguns sacerdotes e sacerdotisas. Mas os jovens intrépidos que enviarem para Si têm de ser também bons curandeiros. O vosso desejo é que os *Siyee* continuem a sentir-se gratos. Dentro de uns escassos vinte anos, o *Siyee* mais velho lembrar-se-á que os Brancos obrigaram o Rei Berro a retirar os colonos Toren das suas terras. Os *Siyee* mais novos não compreenderão o valor desse acto, ou convencer-se-ão a si próprios de que poderiam tê-lo feito sem a vossa ajuda. Talvez estejam, neste preciso momento, a convencer-se disso.

Auraya abanou a cabeça.

– Ainda não.

– É possível que estejam. As pessoas convencem-se de qualquer coisa quando querem encontrar um bode expiatório.

Ela estremeceu. *Um bode expiatório*. Alguns tinham sido levados pela dor a culpar os Brancos, ou mesmo os deuses, pela morte dos seus entes queridos, durante a guerra. Ser capaz de sentir a dor destas pessoas e de outras, mais racionais, era outra desvantagem do seu poder de ler a mente. Por vezes, parecia-lhe que todos os homens, mulheres e crianças da cidade sofriam a perda de um familiar ou amigo.

Depois, havia os sobreviventes. Ela não era a única a ser assombrada por memórias indesejadas da guerra. Os combatentes tinham assistido a coisas horríveis e nem todos conseguiam esquecer. Auraya estremeceu ao pensar nos pesadelos que a perseguiam desde a batalha. Nesses sonhos, percorria um campo de batalha a perder de vista, e os corpos mutilados imploravam a sua ajuda, ou gritavam acusações.

*Temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evitar mais uma guerra, pensou. Ou encontrar uma maneira melhor de nos defendermos. Nós, Brancos, possuímos grande poder mágico. Havemos de descobrir uma forma de lutar que não provoque tantas mortes.*

Mesmo se encontrassem um meio, este poderia revelar-se inútil se os deuses do inimigo fossem reais. Auraya recordou essa manhã, alguns dias antes da batalha, em que vira o exército *Pentadrian* emergir do interior das minas. O chefe invocara uma figura luminosa. Ela tê-la-ia ignorado, como ilusão óptica, se os seus sentidos não lhe tivessem dito que aquela figura emanava poder mágico.

Os Adoradores do Círculo tinham considerado, desde sempre, que os *Pentadrians* seguiam deuses falsos. Que os deuses do Círculo dos Cinco

eram os únicos deuses verdadeiros a sobreviver à Guerra dos Deuses. Se a divindade que ela tinha visto era real, como explicá-lo?

Após a batalha, os Brancos tinham questionado os deuses. Chaia dissera-lhes que era possível que novos deuses tivessem aparecido desde a guerra. Ele e os seus companheiros estavam, naquele momento, a investigar essa possibilidade.

Desde então, Auraya discutira e debatera muitas vezes as probabilidades com os outros Brancos. Rian mostrara-se relutante em aceitar a ideia de que novos deuses tinham surgido. Em geral fervoroso e confiante, andava nervoso, irado até, com a perspectiva de existirem novas divindades. Auraya percebera, então, que ele precisava que os deuses fossem uma força imutável no mundo. A força que ele poderia contar que fosse sempre a mesma.

Mirae, pelo contrário, não estava preocupada. A ideia de que existiam novos deuses no mundo não a incomodava.

– Nós servimos os nossos cinco, é só isso que importa – dissera uma vez.

Juran e Dyara não estavam convencidos de que o «deus» que Auraya tinha visto era real. No entanto, pareciam mais inquietos do que Mirae. Como Juran assinalara, deuses reais eram uma grande ameaça para a Ithania do Norte. Ele partira do princípio de que os *Pentadrians* tinham alegado que a guerra lhes fora imposta pelos seus falsos deuses, para conseguirem a obediência do povo. Agora, era possível que esses deuses fossem reais e que tivessem incitado – ou mesmo instruído – os *Pentadrians* a invadir as terras dos Adoradores do Círculo.

Todos tinham concordado que, se existisse um deus *Pentadrian*, existiriam mais. Nenhuma divindade permitiria que os seus seguidores servissem falsos deuses em paralelo com ela.

*Estou convicta de que aquilo que vi era um deus real, portanto, tudo me leva a crer que existem cinco deuses novos neste mundo. Mas, certamente, isso...*

– Auraya?

Em sobressalto, Auraya levantou os olhos para Danjin.

– Sim?

– Ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer?

Ela fez uma careta apologetica.

– Não. Desculpa.

Danjin sorriu e abanou a cabeça.

– Não tem de pedir-me desculpa. O que quer que seja que consegue distraí-la desta forma deve ser importante.

– Sim, mas não é nada que não me tenha distraído mil vezes antes. Dizias?

Danjin sorriu e, com toda a paciência, começou a repetir o que lhe tinha dito.



Emerahl estava sentada, muito quieta.

De toda a parte à sua volta, chegavam-lhe os sons da floresta à noite: o sussurro das folhas, os chilreios e assobios dos pássaros, o ruído de ramos a estalar... e, não muito longe dali, o barulho ténue de passos rápidos.

A tensão sobreveio à aproximação dos passos. Uma sombra moveu-se na luz das estrelas.

*O que será? Algo comestível, espero. Abeira-te, criaturinha...*

O vento soprava atrás dela, mas isso não tinha importância. Emerahl erguera uma barreira mágica à sua volta, para impedir que os seus odores se libertassem no ar.

*E não são poucos, pensou. Depois de um mês de viagem, sem mudar de roupa, qualquer um tresandaria. Como riria Rozea se me visse agora. A favorita do seu bordel coberta de esterco, a dormir no chão duro, com um Tecedor de Sonhos meio louco como único companheiro.*

Pensou em Mirar, sentado à beira da fogueira várias centenas de passos atrás dela. Por certo, estaria a resmonear consigo mesmo, discutindo com a outra identidade que o habitava.

Então, a criatura revelou-se, e Mirar voou-lhe do pensamento.

*Um breem!, pensou. Um saboroso, anafado breem!*

Um tiro de magia atordoante matou-o instantaneamente. Emerahl levantou-se, pegou na pequena criatura e começou a prepará-la para a comer. Esfolá-la, estripá-la e encontrar um bom espeto de assar tomou-lhe toda a atenção. Quando estava pronto, ela regressou para junto do fogo, com o estômago a roncar de expectativa.

Mirar estava mesmo como o imaginara – de olhos postos nas chamas, os lábios movendo-se, sem se dar conta da sua presença. Emerahl avançou com cuidado, na esperança de conseguir ouvir um pouco do que ele estava a dizer antes de ele reparar nela e calar-se.

34 – ... que importância tem que ela te perdoe ou não? Não podes voltar a vê-la.

– Tem importância. Pode ter importância para o nosso povo.

– Talvez. Mas, que vais tu dizer? Que não eras tu próprio naquela noite?

– É essa a verdade.

– Ela não vai acreditar em ti. Sabia que eu existia dentro de ti, mas nunca viu o suficiente para perceber o que isso significava. Fiquei em silêncio sempre que vocês estavam juntos. Achaste que o fiz por cortesia?

Emudeceu.

*Ela, hein?*, pensou Emerahl. *Quem será «ela»? Alguém a quem ele fez mal, se esta conversa sobre perdão for alguma pista. Terá sido esta mulher a fonte de todos os seus problemas, ou só de alguns?* Sorriu. *É típico de Mirar.*

Emerahl esperou, mas ele não voltou a falar. Sentia um buraco no estômago. Mirar levantou os olhos, e ela avançou como se tivesse acabado de chegar.

– Uma caçada bem-sucedida – disse-lhe, mostrando o *breem*.

– Não é muito justo para a vida selvagem – replicou ele. – Enfrentar uma poderosa feiticeira.

Ela encolheu os ombros.

– Não é menos justo do que se eu tivesse um arco e uma flecha e boa pontaria. O que tens estado a fazer?

– A pensar em como seria bom se não existissem deuses. – Suspirou, melancólico. – De que vale ser um feiticeiro poderoso e imortal quando não podemos fazer nada de útil com medo de chamar a atenção?

Emerahl começou a instalar o *breem* sobre a fogueira.

– Que coisas úteis gostarias de fazer que chamariam a atenção deles?

Ele encolheu os ombros.

– Apenas... o que fosse útil na altura.

– Útil para quem?

– Para outras pessoas – retorquiu, com uma ponta de indignação. – Como, por exemplo, desbloquear uma estrada depois de uma derrocada de terras. Ou curar.

– Nada para ti próprio?

Ele fungou.

– Esporadicamente. Posso ter de defender-me.

Emerahl sorriu.

– É possível. – Satisfeita com a posição do *breem* no lugar certo, sentou-se sobre os calcanhares. – Haverá sempre deuses, Mirar. Só que, nos últimos tempos, conseguimos atravessar-nos no caminho deles.

Mirar riu-se amargo.

– *Eu* atravessei-me no caminho deles. *Eu* provoquei-os. *Eu* tentei impedir que eles enganassem as pessoas e assumissem o controlo divulgando

a verdade a seu respeito. Mas tu e os outros... – Abanou a cabeça. – Vocês não fizeram nada. Nada, excepto serem poderosos. Por causa disso, chamaram-nos «Selvagens» e mandaram os seus lacaios pôr um fim às nossas vidas.

Emerahl encolheu os ombros.

– Os deuses sempre nos quiseram controlar. Tu ainda podes curar outros sem atrair as atenções.

Ele não estava a ouvi-la.

– Sinto-me trancado dentro de uma caixa. Quero sair e espreguiçar-me!

– Se o fizeres, tem a bondade de fazê-lo longe de mim. Eu ainda tenho gosto pela vida. – Olhou para cima. – Tens a certeza de que os *Siyee* não vão ver a nossa fogueira?

– Absoluta – disse ele. – Não é seguro voar nestes vales estreitos entre montanhas em noites de lua nova. Eles têm bons olhos, mas não *tão* bons.

Emerahl reajustou o *breem* suspenso no espeto nos seus suportes sobre a fogueira. Inclinando-se para trás, olhou para Mirar. Estava encostado a um tronco de árvore. A luz amarela das chamas realçava-lhe o ângulo do maxilar e o desenho das sobrancelhas e dava um matiz verde-claro aos seus olhos azuis.

Quando Mirar se virou para olhá-la nos olhos, ela sentiu um arrepio de dor e de alegria. Nunca pensara voltar a vê-lo um dia, e ali estava ele, vivo e...

... *não exactamente ele próprio*. Emerahl desviou o olhar, pensando nas vezes que tentara questioná-lo. Mirar não era capaz de contar-lhe como tinha sobrevivido. Não possuía memória do acontecimento que deveria tê-lo morto, embora tivesse ouvido falar dele. Isto tornava a versão da outra identidade – Leiard – mais credível. Leiard estava convencido de que transportava na sua mente uma versão aproximada da personalidade de Mirar, constituída por uma profusão de memórias partilhadas do falecido chefe dos Tecedores de Sonhos, que lhe tinham sido transmitidas durante rituais de união de mentes com outros Tecedores de Sonhos.

*Mas este é o corpo de Mirar*, pensou ela. *Está muito mais magro e o cabelo branco fá-lo parecer muito mais velho; mas os olhos são os mesmos.*

Mirar achava que aquele corpo lhe pertencia, mas não conseguia explicar o que lhe acontecera. Leiard, por outro lado, via uma mera coincidência nessa aparência física. Quando assumia o controlo, movia-se de uma

maneira muito diferente do outro homem, ao ponto de Emerahl se interrogar como fora capaz de reconhecê-lo. Só quando Mirar recuperava o controlo é que ela tinha a certeza de que aquele corpo era dele.

Por isso, questionara Leiard a respeito das memórias partilhadas. Se o que ele dizia era a verdade, como explicar o que sucedera? Como acumulara ele tantas memórias partilhadas de Mirar? Seria possível que Leiard, ou alguém a quem ele se unira, tivesse recolhido as memórias de Mirar em muitos, muitos Tecedores de Sonhos?

Leiard não conseguia lembrar-se da pessoa que lhe transmitira aquelas memórias. Na verdade, a sua memória começava a revelar-se tão duvidosa como a de Mirar. Era como se cada um possuísse apenas meio passado e nenhum preenchesse as lacunas do outro.

Emerahl interrogara-os a respeito do sonho da torre que há tantos meses a assombrava e no qual via uma relação com a morte de Mirar. Nenhum deles o reconhecera, embora lhe parecesse que esse sonho deixava Mirar desconfortável.

Era frustrante. Não sabia bem o que ele queria dela. Quando o encontrara, no campo de batalha, ele estava a curar os feridos, como todos os outros Tecedores de Sonhos, mas o disfarce não devia ser suficiente, ou não lhe teria pedido que o levasse para longe dali. Não lhe dissera, contudo, para onde. Deixara a escolha do destino nas suas mãos.

Sabendo do jeito de Mirar para se meter em sarilhos com os deuses, ela conduzira-o ao lugar mais seguro e mais remoto que conhecia. Não tardara a descobrir a existência de Leiard. Este parecia aceitar a sua companhia apenas porque não tinha alternativa. Emerahl conseguia sentir tanto as emoções de Leiard como as de Mirar. Chocada, verificara que a mente deste último se encontrava exposta e legível. Mais tarde, porém, lembrara-se que ele nunca fora capaz de ocultar os seus pensamentos tão bem como ela. Era uma arte que exigia tempo e o auxílio de um leitor de mentes, com quem aprender. Como acontecia com todos os Dons, havia que praticá-lo, ou a mente esquecê-lo-ia.

Isto significava que os deuses leriam o pensamento de Mirar se estivessem a olhar na sua direcção – e, através dele, vê-la-iam a ela. Ele sabia quem Emerahl era.

É certo que os deuses podiam não ter qualquer motivo para reparar num Tecedor de Sonhos meio enlouquecido. Uma coisa que ela sabia a respeito deles era que não conseguiam estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. As distâncias podiam ser percorridas num súbito instante,

mas a atenção dos deuses era singular. Com tantas coisas para os manter ocupados, as probabilidades de repararem em Mirar eram escassas.

Se reparassem, quem julgariam que ele era? Leiard ou Mirar? Este dissera-lhe algo acerca dos deuses que Emerahl desconhecia: eles só viam o mundo físico através dos olhos dos mortais. Volvidos cem anos, não havia mortais vivos que tivessem convivido com Mirar, pelo que ninguém o reconheceria. Era provável que nem mesmo os Tecedores de Sonhos que possuíam fragmentos das suas memórias partilhadas, herdadas de predecessores, o reconhecessem. A memória do aspecto físico era individual.

Agora, os únicos capazes de identificá-lo eram os Imortais: ela própria, outros Selvagens e Juran dos Brancos. Todavia, o Mirar que eles tinham conhecido parecia muito mais saudável do que este. Tinha cabelos louros, arrançados com cuidado, uma pele macia e mais carne nos ossos. Quando Emerahl comentara a mudança, Mirar rira-se e descrevera-se tal como tinha sido dois anos antes: um homem de barba e longos cabelos brancos, ainda mais magro do que estava naquele momento.

Dissera-lhe ainda que temia mais que o reconhecessem como Leiard, embora não lhe tivesse explicado porquê. Aparentemente, Leiard tinha tanto jeito para se meter em sarilhos como Mirar tivera.

Viajar era uma tarefa difícil e morosa nas montanhas de Si, mas não impossível para quem era Dotado como eles. Se estavam a ser perseguidos, os seus perseguidores já deviam ter ficado para trás há muito tempo.

Mirar bocejou e fechou os olhos.

– Falta quanto?

– Responder seria revelar – replicou Emerahl. Recusara-se a dizer-lhe para onde iam. Se ele soubesse, os deuses poderiam ler a sua mente e enviar alguém para diante, esperá-los.

Os lábios de Mirar torceram-se num sorriso.

– Queria dizer para o *breem* estar cozinhado...

Ela riu-se.

– Claro que querias. Perguntaste-me quanto tempo de viagem faltava todas as noites.

– É verdade. – Sorriu. – Quanto tempo?

– Uma hora – disse ela, apontando para o *breem*.

– Por que não cozinhá-lo com magia?

– Fica melhor cozinhado devagar, e estou demasiado cansada para me concentrar. – Observou-o, com um ar crítico. Parecia abatido. – Vai dormir. Eu acordo-te quando estiver pronto.

O aceno de Mirar foi quase imperceptível. Emerahl levantou-se para ir à procura de mais lenha. No dia seguinte, chegariam ao destino. No dia seguinte, esconder-se-iam por fim do olhar dos deuses.

E depois?

Suspirou. *Depois, terei de ver se consigo perceber o que se passa dentro daquela cabeça caótica.*